

Em busca de seu tom



SEGUNDO VOLUME DA
TRILOGIA “OS TONS DE LARA”

Em busca de seu tom

Rose Pinheiro

autografia

Rio de Janeiro, 2022

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P654e Pinheiro, Rose.
Em busca de seu tom - 1. ed. - Rio de Janeiro: Autografia, 2022.
194 p. ; 21 cm – (Os Tons de Lara; v. 2)
ISBN: 978-85-518-4767-1
1. Ficção brasileira. 2. Literatura brasileira – Romance. I. Título.
CDD B869.3

Maurício Amormino Júnior - Bibliotecário - CRB6/2422

Segundo volume da trilogia “Os tons de Lara”
Em busca de seu tom
PINHEIRO, Rose

ISBN: 978-85-518-4767-1
1ª edição, outubro de 2022.

Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda.
Rua Mayrink Veiga, 6 – 10º andar, Centro
RIO DE JANEIRO, RJ – CEP: 20090-050
www.autografia.com.br

Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Editora Autografia.

Apresentação

Quando comecei a escrever “Em Primeiro Plano”, não tinha a menor ideia de que se tornaria o livro 1 de uma trilogia, mas sabia exatamente o que eu queria escrever, abordar e deixar a imaginação ajudar. Eram tantos assuntos diferentes, tantos tipos de relacionamentos, lealdade, fidelidade, sexualidade, espiritualidade, amizade, viagens, saúde, doença, morte etc., misturados às experiências que vivi e observei durante a minha vida, que me foi sugerido dividi-los em três volumes. A vontade de escrever era tão grande que a hipótese de ter mais dois livros pela frente só me animou ainda mais. Escrevi “Em Busca de seu Tom” logo que terminei o livro 1 e, em menos de um ano, eu já tinha os dois volumes. Nesse livro 2, Lara continua a busca de seu tom, e mesmo que você não tenha lido o livro 1, não se preocupe, a protagonista vai te ajudar a saber como tudo começou.

Escrevi meu primeiro livro, “A Finitude é uma Incógnita”, em 2020, uma semana antes da pandemia, como se adivinhasse que teria um cenário propício para sentar e escrever. Em menos de cinco meses, o livro, que conta uma história real que aconteceu comigo, ficou pronto e, no início de 2021, foi lançado, com mais de 200 cópias vendidas nos primeiros três meses.

Não sabia se continuaria a escrever, mas algo mexeu comigo e logo apareceram ideias para novos escritos. Eu precisava continuar porque muita coisa na minha vida ainda estava mal resolvida e escrever se tornou vital para que eu me conhecesse melhor e aceitasse a vida como ela é. O que era importante foi perdendo a importância e, a cada página, eu me sentia mais leve para

imaginar histórias e situações que, de alguma forma, se tornavam palavras e enchiam minhas páginas como se alguém sussurrasse em meus ouvidos. Alguns textos, que continham mágoas e decepções, que eu havia escrito no início do primeiro volume, foram sendo empurrados a cada capítulo, até perderem o seu sentido e não precisarem mais de nenhuma página para eles.

Escrever sobre a minha vida foi mais fácil, pois se tratava de uma história real. Era a minha história e os sentimentos explodiam dentro de mim. Já nessa trilogia, eu precisava criar e imaginar, o que me levou a brincar com a ficção e misturar com a realidade. Todos os fatos, nomes e qualquer semelhança é mera coincidência. Os lugares visitados são reais, fruto de pesquisas ou de experiência própria. Uma curiosidade é que, às vezes, escrevia sobre uma situação e aquilo se tornava real na minha vida. Bom saber que ainda tenho o livro 3 para escrever. Sabemos que o universo conspira, mas nossa mente é muito mais poderosa. Ela é o próprio universo.

Rio, 7 de agosto de 2022

Sumário

Capítulo Que Tom é esse?.....	9
Capítulo 2 Pé na areia.....	17
Capítulo 3 Caindo em si.....	33
Capítulo 4 O mar está pra peixe.....	49
Capítulo 5 De peito aberto.....	67
Capítulo 6 Isolados e conectados.....	87
Capítulo 7 Amarrando-se no harém	105
Capítulo 8 Caindo em tentação.....	123

Capítulo 9	
Lar de Amparo	139
Capítulo 10	
Reparação e compensação	153
Capítulo 11	
Panorama vital	169
Capítulo 12	
Quem dá o tom é você	181

Capítulo 1

Que Tom é esse?

*“Viver é como velejar.
Você pode usar qualquer vento
para seguir em qualquer direção.”*

Robert Brault

Tom velejava bem, pois, desde menino, navegara em diversas classes de barcos: *optimist*, *laser*, *hobie cat 14* e *16*. Participou de algumas regatas, conquistando uma série de troféus ao velejar pelas águas do Guarujá, Ubatuba e Ilhabela ou em travessias maiores entre São Paulo e Rio de Janeiro. Mas agora era bem diferente porque estava há dois meses no mar, velejando com três amigos pela costa brasileira. Seguiam manobrando as velas em função do vento, sem definir um rumo exato.

Entre uma parada e outra para abastecer, conheceram diversos lugares paradisíacos. Nos períodos de calmaria, Tom costumava refletir sobre o rumo que sua vida havia tomado. Filho de libaneses, ele havia morado boa parte da sua vida em São Paulo, com seus pais e sua irmã mais velha, recebendo do pai uma educação machista e autoritária. Sua mãe ensinou a importância do respeito e o valor que as mulheres deveriam ter também. Tom admirava a mãe. “Mulher guerreira”, ele dizia. Além de ter perdido o marido após um infarto fulminante, também perdera a filha ainda adolescente, devido a uma leucemia. Com um filho de catorze anos, teve que assumir todas as responsabilidades da casa e dedicou-se integralmente à educação de Tom.

O rapaz formou-se em Direito e, imediatamente, conseguiu um estágio num grande escritório de advocacia. Aos poucos, foi conquistando espaço até se tornar um dos sócios da firma. Casou-se com uma colega de trabalho, Verônica, e, depois de dez anos, tiveram uma filha, Antônia. Antes de a mesma completar sete anos, decidiram se separar e Verônica resolveu fazer uma pós-graduação nos Estados Unidos, deixando a filha com Tom e sua mãe, que era muito afeiçoada à neta desde que ela nascera.

Quando Verônica voltou, depois de um ano, os dois tentaram uma reconciliação, porém, perceberam que só estavam juntos por causa da menina, pois já não havia mais desejo nem intimidade. Eles dividiram o mesmo quarto e a mesma cama até Verônica sugerir que tivessem quartos separados. Eram parceiros apenas como os pais de uma filha em comum. O sexo foi deixado de lado, e suas vidas se tornaram cada vez mais independentes.

Tom abriu uma filial no Rio de Janeiro, tornando-se usuário da ponte aérea, e Verônica, que voltara a viajar por causa do trabalho, deixava a filha sob os cuidados da avó paterna. Quando Antônia foi para a faculdade, o casal se separou. Tom mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro, e Verônica ficou cuidando do escritório em São Paulo. Tinham que admitir que, como sócios, se admiravam muito mais do que como marido e mulher. Quem mais sentiu essa mudança foi Dona Gleidis, que sentia falta do filho e da neta, que decidiu estudar fora do Brasil após o ensino médio. Felizmente, ela tinha suas amigas e seu trabalho voluntário numa comunidade carente da capital paulista.

Depois de algum tempo morando no Rio, a vida de Tom começou a ficar mais agitada e interessante. Iniciou um romance

com uma colega de trabalho, Carol, e começou a praticar yoga. Se, em São Paulo, Tom pensava muito mais em trabalho e dinheiro, no Rio, ele tinha que admitir que se divertia muito mais. Matriculou-se numa escola para ter aulas de canto e violão, além de velejar nas águas da baía de Guanabara.

Certa vez, numa aula de yoga, Tom reparou numa mulher firme e segura em suas *asanas*. Era loura, magra, com olhos de mel e devia ter quase 1,70 cm.

— Como vocês conseguem fazer aquelas posições com tanta facilidade? — Tom perguntou a Lara, puxando conversa quando a aula terminou.

— Não tem magia nisso, é prática — respondeu Lara, querendo impressionar aquele homem de traços fortes e sedutores.

— No meu caso, precisaria de um pouco de mágica, pois a prática não está ajudando — falou Tom, meio desanimado com seu desempenho.

— Provavelmente você não pratica muito. Pelo menos, falta bastante às aulas por aqui — ela retrucou, querendo que Tom soubesse que já havia reparado nele. Um moreno de cabelos ondulados, olhos castanhos escuros, lábios carnudos e sobrancelhas grossas. Apesar da postura ereta, tinha pouco jeito nas posições praticadas na aula.

Tom parou de faltar às aulas e sempre arrumava um jeito de colocar seu tapete perto do de Lara para que logo que terminasse a prática, pudessem iniciar uma conversa, que frequentemente se prolongava entre eles e também com o grupo de colegas na lanchonete do Centro de Yoga. Lara notou que Tom estava progredindo no equilíbrio de suas *asanas* ao mesmo tempo que

ela se perdia no seu casamento. Tom já havia percebido a aliança na mão de Lara, mas ela quase não falava do marido, apenas dos três filhos e de sua profissão de médica pediatra. Passavam muito tempo filosofando sobre a existência humana, a impermanência das coisas e o sentido da vida. Não chegavam a nenhuma conclusão, apenas que estavam numa *vibe* parecida.

— Como você consegue dar conta de tantos papéis? — Tom perguntava à Lara, enfatizando a mulher, mãe e profissional.

— Na vida, sou como um cubo mágico. Quando arrumo um lado, eu bagunço os outros — dizia ela, reconhecendo que nem sempre conseguia.

— Não há nada mais libertador do que se soltar na correnteza da existência. — Tom tentava animá-la, fascinado pela mulher à sua frente.

— Verdade, Tom — Lara concordou —, mas nem sempre conseguimos deixar fluir e esquecemos de quem somos nós e começamos, sem sentido, a nadar contra a corrente.

— A vida segue seu ritmo próprio, e só nós podemos dizer o que tem e o que não tem importância na nossa vida — completou Tom, deixando-a com vontade de conhecer melhor aquele homem que parecia seguro em seguir no fluxo de sua trajetória.

— São prioridades, Tom, e nem sempre é fácil escolher.

Apesar da grande atração, tornaram-se apenas amigos. Embora soubesse que Lara precisava preencher um vazio em sua vida em razão de sua separação, Tom percebia que ela não cedia aos seus convites para tomarem um chope ou um vinho depois que conheceu Carol.

Depois de alguns meses, Lara reatou com o marido, mas Tom notou que algo não estava bem nesse retorno. Lara e Jaime, em pouco tempo, se separaram novamente, e ela aproveitou para embarcar com o grupo de yoga numa viagem para a Índia, incluindo Tom e Carol.

Durante a viagem, os três ficaram mais próximos e, quando voltaram, Lara contratou o escritório de Tom para acompanhar todo o processo do divórcio. Lara reparou que Tom já não jogava mais charme e se mostrava totalmente profissional. Se era uma estratégia para conquistá-la, ela não podia afirmar, mas que estava dando certo, estava.

Após o divórcio, durante uma viagem de Lara a Nova York, Tom decidiu se separar de Carol, e Lara finalmente viu uma possibilidade de começar algum tipo de relacionamento com ele. Mas a saúde de sua ex-esposa fez com que ele fosse para São Paulo para passar aqueles últimos momentos com sua mãe e sua filha, Antonia, despedindo-se de Verônica que a cada dia ficava mais debilitada e, pouco depois, faleceu.

Nos dias que se seguiram, Tom precisou ficar em São Paulo para resolver algumas pendências do escritório de que ele e Verônica eram sócios, e também para ficar um pouco mais com Antônia, que, em breve, retornaria para a Europa.

Carol percebeu uma brecha na vida de seu ex-namorado e se ofereceu para ajudá-lo na reestruturação do escritório. Em seguida, mudou-se para São Paulo. Tom, sensibilizado com a morte da ex-esposa e longe de Lara, abriu espaço para Carol, se envolvendo novamente com ela.

Tom e Lara continuaram amigos e falavam-se com frequência, mas cada um seguia sua própria vida, sem deixar de pensar no outro. Quando Carol, por ciúmes, começou a omitir os recados de Lara, Tom aproveitou a oportunidade para romper novamente a relação.

Dessa vez, retornou ao Rio disposto a conquistar Lara e, sem muito esforço, eles conseguiram mudar o tom da relação começando uma nova história.

Tom pensava no que tinha deixado para trás, quando as nuvens começaram a cobrir o céu azul, e uma tempestade caiu sobre eles, fazendo as ondas crescerem naquele mar, mal dando tempo de abaixar as velas. A forte ventania fazia o mastro vibrar assustadoramente, ameaçando parti-lo sobre as cabeças dos quatro tripulantes. Três deles eram experientes, mas nunca tinham se deparado com uma tormenta como aquela. Sentiram medo; alguns equipamentos se quebraram ou caíram no mar violento e desafiador.

— Deixa isso pra lá — advertiu Tom enquanto os amigos tentavam evitar que alguns objetos fossem lançados para fora do barco. — Não vale a pena — continuou, querendo chamar a atenção para o controle do barco, que lutava para se manter equilibrado por causa do vento.

— Cuidado! — gritou Alex ao ver a retranca, comandada pela força do vento, se movimentar e surpreender os outros três.

— Cambar! — exclamou Tom quando Chris, o menos experiente dentre eles, se distraiu e foi surpreendido com a base do mastro lhe batendo na cabeça, fazendo-o se juntar às coisas que já haviam caído no mar.

— Chris! — Tom gritou. Pegou a boia salva-vidas e se jogou no mar para resgatá-lo. Alex e Otávio se agarraram ao que podiam para evitar que também fossem arremessados para fora, preocupados com o mastro, que ameaçava se quebrar. Alex sabia que eles não conseguiriam voltar ao barco enquanto os ventos não acalmassem, mas mesmo assim pegou um colete e jogou para Tom, que lutava contra as ondas que pareciam engolir-los a todo momento. Ele tentava a todo custo manter a cabeça de Chris fora da água, auxiliado pela boia. Determinado a salvar o rapaz, Tom amarrou o cabo na cintura de Chris, empurrando-o, enquanto os outros dois, de dentro do barco, puxavam com dificuldade aquele corpo estático e com sangue escorrendo pelo rosto. Era inútil. A visibilidade era quase zero e o vento havia partido o mastro, lançando-o para longe do barco. Por sorte, ninguém mais se feriu e os dois amigos dentro d'água tiveram que esperar aquela tormenta passar para voltarem à embarcação. Da mesma forma que a tempestade chegou, ela se foi.

Após ajudar Chris a subir no barco, Tom se viu exausto e aguardou, olhando para o céu azul e ensolarado, completamente indiferente ao que tinha ocorrido com o mar. O corpo do menino continuava sem sinal de vida, mas repararam que ele ainda respirava e levaram-no para a cabine. Otávio se encarregou de cuidar do ferimento enquanto Tom e Alex foram avaliar os estragos. Com o barco sem mastro e sem velas, eles tiveram que utilizar o motor de centro para chegar ao porto mais próximo. Felizmente não estavam muito longe e depois que levaram Chris para o hospital da cidade, foram cuidar do barco avariado.

Quando o barco ficou pronto, Chris já estava quase recuperado. Já haviam passado por algumas dificuldades, mas aquela tempestade foi assustadora, deixando certo receio de enfrentarem alguma coisa parecida na volta. Com alguns pontos na cabeça, Chris se juntou aos amigos, que decidiram içar velas para terminar a aventura voltando ao lugar onde começaram. Apesar do acidente, o amigo resgatado era o mais disposto e sentia-se agradecido à vida e a Tom; se ele não tivesse pulado do barco para salvá-lo, com certeza teria se afogado.

Com as velas a favor do vento, deixaram o porto abastecidos e recuperados e, dessa vez, ficaram de coletes na maior parte do tempo. Era como se eles tivessem passado num teste e todos fossem aprovados com louvor.

Conforme o tempo ia passando, o susto foi sendo substituído pelo espírito aventureiro, e o medo, pela coragem de enfrentar seja lá qual fosse o tipo de vento. Eles precisavam dele. O acidente acabou fazendo dessa viagem um incentivo para, quem sabe, na próxima vez cruzarem o Atlântico, velejando até terras mais distantes? Chris ainda era um novato, mas Alex era capitão amador, o que significava que poderiam dar a volta ao mundo. Tom e Otávio, como mestres amadores, só podiam navegar pela costa. Sendo assim, o retorno, parando novamente em lugares exóticos, foi recheado de conversas sobre o vento e seus mistérios, entre o mar e as estrelas lá do céu.